

Interpolação & Cia nos dialectos do Português Europeu

Catarina Magro

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

Recibido o 30/08/2009. Aceptado o 15/03/2010

Interpolation & Co in European Portuguese dialects

Resumo

Este artigo caracteriza e analisa a construção de interpolação actualmente existente em variedades dialectais do Português Europeu (PE), com base no conjunto de dados reunidos no CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. São objectivos do presente trabalho: (i) a descrição das propriedades e funcionamento da interpolação dialectal contemporânea, (ii) a compreensão da relação existente entre esta construção e outros fenómenos relativos à colocação dos clíticos manifestados nos mesmos dialectos e (iii) a perspectivização diacrónica do fenómeno de interpolação dialectal contemporânea na história global da construção.

A investigação sobre este tema, cujos resultados são integralmente apresentados em Magro (2007), revela que a interpolação é uma construção particularmente produtiva em muitas das variedades dialectais consideradas, que apresenta características que a individualizam no cenário geral da história da interpolação e que deve ser interpretada como um fenómeno inovador que emerge recentemente na gramática do português, contrariamente ao que habitualmente é assumido na literatura sobre o tema.

A análise que se propõe adopta o modelo de organização da gramática previsto pela teoria da Morfologia Distribuída (Halle / Marantz 1993, 1994) e concebe a interpolação dialectal contemporânea como o resultado de uma operação de movimento pós-sintáctico que actua numa fase terminal da derivação.

Palabras chave

Sintaxe, movimento pós-sintáctico, dialectos do Português Europeu, clíticos, interpolação, duplicação

Sumario

1. Introdução. 2. A interpolação dialectal contemporânea. 2.1. O corpus dialectal considerado. 2.2. O conjunto de dados relevante para o estudo da interpolação. 2.3. A distribuição geográfica do fenómeno da interpolação. 2.4. Os constituintes interpolados. 2.5. A classe dos interpolados dialectais. 2.6. Os contextos de interpolação. 3. A literatura sobre interpolação e a sua adequação aos novos dados dialectais. 3.1. As análises de tipo sintáctico. 3.2. As análises de tipo sintáctico-prosódico. 4. Uma nova proposta de análise. 5. Uma outra história da interpolação. 6. Outras manifestações de metátese e duplicação nos dialectos do PE. 7. Conclusões.

Abstract

This paper studies interpolation (i.e. the option of non-adjacency between a proclitic and the verb) as a feature of contemporary European Portuguese (EP) dialects, drawing on empirical evidence from the *Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects* – CORDIAL-SIN. The aim of the present study is three-fold: (i) to describe the properties of interpolation constructions in contemporary EP dialects, (ii) to understand the correlation between interpolation and clitic phenomena co-occurring in the same dialects, and (iii) to offer a diachronic perspective on contemporary EP non-standard interpolation taking into account the overall history of interpolation.

The research on this subject, fully presented in detail in Magro (2007), shows that, in many contemporary EP dialects, interpolation is a particularly productive construction that synchronically displays peculiar features, differing from the general characterization of the phenomenon in diachronic EP. It is shown that, against common belief, interpolation is not an archaic feature but rather a recent innovation in EP grammar.

The proposed analysis adopts the structure of the grammar assumed in the Distributed Morphology framework (Halle / Marantz 1993, 1994) and treats contemporary interpolation as an instance of a post-syntactic displacement operation taking place at a terminal stage of a derivation.

Keywords

Syntax, post-syntactic movement, European Portuguese dialects, clitics, interpolation, duplication

Contents

1. Introduction. 2. Interpolation in contemporary EP dialects. 2.1. The dialectal corpus used. 2.2. Data relevant to the study of interpolation. 2.3. Geographical distribution of the interpolation construction. 2.4. Interpolated elements. 2.5. The class of the interpolated elements. 2.6. Interpolation contexts. 3. Previous analyses of interpolation and new dialect data. 3.1. Syntactic approaches. 3.2. Prosodic approaches. 4. An alternative analysis. 5. A different history of interpolation. 6. Other cases of metathesis and duplication in EP dialects. 7. Conclusions.

1. INTRODUÇÃO

Em PE existe a possibilidade de um pronome proclítico não ocorrer adjacente à forma verbal a que está associado. Este fenómeno, habitualmente designado por interpolação, era um fenómeno generalizado no português antigo, período em que um elevado número de diversos tipos de constituintes podia interpor-se entre o clítico e o verbo. A interpolação exuberante do português antigo não se manteve constante ao longo da história do português e, sensivelmente a partir do século XVII, apenas a partícula de negação *não* passa a poder ocorrer interpolada (cf. Ogando 1980; Lobo 1992; Martins 1994; Parcero 1999; Fiéis 2003; Namiuti 2008). No que diz respeito a esta questão, a gramática da variedade *standard* do PE contemporâneo parece conservar o sistema emergente no século XVII: embora actualmente, para a maioria dos falantes desta variedade, a adjacência entre proclítico e verbo seja obrigatória, alguns há para quem a interpolação de *não* continua a ser produtiva. O confronto entre a interpolação do português antigo e a interpolação do português *standard* contemporâneo é apresentado em (1):

- (1) a. Se me *Deus enton a morte não* deu (Cantigas d'Amor dos Trovadores Galego-Portugueses, Século XIV)
- b. A mãe, se ele se *não* formasse em Direito, cortava-lhe a mesada. (Jorge de Sena, Sinais de Fogo, 1979)

A par da interpolação altamente restritiva da variedade *standard* do PE contemporâneo, ilustrada em (1b), existem, porém, variedades dialectais em que há maior permissibilidade quanto ao tipo e número de elementos que podem interromper a adjacência entre clítico e verbo. Esta realidade foi assinalada por Martins (1994), Barbosa (1996) e Lobo / Carrilho (1999), com base num conjunto muito reduzido de dados dialectais, provenientes de regiões do país muito dispersas e recolhidos a partir de fontes díspares. Com fundamento neste conjunto de dados, a interpolação dialectal contemporânea tem sido interpretada como o resíduo da interpolação generalizada característica de fases anteriores da história do português e, conseqüentemente, as gramáticas dos dialectos que dispõem actualmente desta construção têm sido identificadas como gramáticas conservadoras (Martins 1994; Barbosa 1996; Fiéis 2001, 2003). Neste trabalho defendo que esta é uma ideia errada, assente em base empírica insuficiente.

Partindo dos dados dialectais reunidos no CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica*, caracterizarei a interpolação dialectal contemporânea, dando informação relativa à distribuição geográfica que apresenta, às propriedades que manifesta e às condições em que opera. Adicionalmente, exporei os resultados da investigação que desenvolvi acerca deste tema (cf. Magro 2007), apresentando a minha proposta de análise dos dados de interpolação identificados no *corpus* considerado, bem como a minha perspectiva sobre a relação existente entre a interpolação dialectal contemporânea e a interpolação de fases anteriores da história do português. Neste domínio, procurarei mostrar como a minha proposta capta correctamente o contraste que a interpolação dialectal contemporânea estabelece quer com a interpolação generalizada do português antigo quer com a interpolação restritiva do português *standard* contemporâneo. Finalmente, explorarei a conexão existente entre o fenómeno de interpolação e outros fenómenos que se manifestam nos mesmos dialectos que dela dispõem, tais como (i) a variação livre entre próclise e ênclise em contextos típicos de próclise e (ii) a duplicação de um mesmo clítico em posição pré e pós elemento interpolado e em posição pré e pós verbal. Defenderei que a interpolação, a ênclise inesperada e a duplicação de clíticos são diferentes instâncias de uma única operação gramatical e que a co-relação entre os três fenómenos é correctamente predita pela minha proposta de análise.

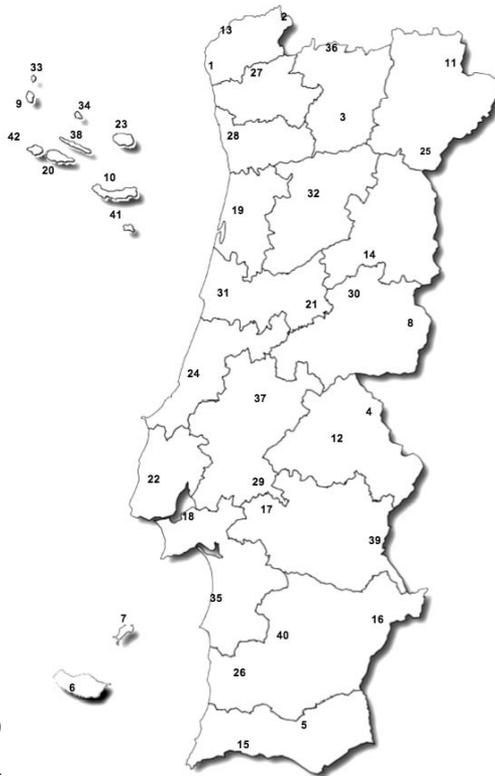
2. A INTERPOLAÇÃO DIALECTAL CONTEMPORÂNEA

2.1. O *corpus* dialectal considerado

Este trabalho assenta em fundamentação empírica essencialmente proveniente do CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. O CORDIAL-SIN é um *corpus* constituído entre 1999 e 2007 no âmbito de um projecto de investigação, sediado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), destinado a incentivar e desenvolver a investigação na área da sintaxe dialectal portuguesa¹. Este *corpus* integra um conjunto geograficamente representativo de excertos de discurso livre e semi-dirigido, seleccionados a partir de gravações efectuadas ao longo dos últimos trinta anos pelo Grupo de Variação do CLUL no âmbito de diversos projectos de geografia linguística.

O CORDIAL-SIN compila dados provenientes das quarenta e duas localidades ou micro regiões do território português (continental e insular) representadas no Mapa 1, tendo uma extensão de 644.346 palavras, resultante da transcrição de cerca de 68 horas de registo sonoro.

- | | |
|--|---|
| 1. Vila Praia de
Âncora (Viana do
Castelo) | 20. Bandeiras, Cais do
Pico (Horta) |
| 2. Castro Laboreiro
(Viana do Castelo) | 21. Porto de Vacas
(Coimbra) |
| 3. Perafita (Vila Real) | 22. Enxara do Bispo
(Lisboa) |
| 4. Castelo de Vide,
Porto da Espada,
S. Salvador, Alpalhão,
Nisa (Portalegre) | 23. Fontinhas (Angra
do Heroísmo) |
| 5. Porches, Alte (Faro) | 24. Moita do Marti-
nho (Leiria) |
| 6. Câmara de Lobos,
Caniçal (Funchal) | 25. Larinho (Bragan-
ça) |
| 7. Camacha, Tanque
(Funchal) | 26. Luzianes (Beja) |
| 8. Monsanto (Castelo
Branco) | 27. Fiscal (Braga) |
| 9. Fajãzinha (Horta) | 28. Gião (Porto) |
| 10. Ponta Garça (Pon-
ta Delgada) | 29. Sta Justa (Santa-
rém) |
| 11. Outeiro (Bragan-
ça) | 30. Unhais da Serra
(Castelo Branco) |
| 12. Cabeço de Vide
(Portalegre) | 31. Vila Pouca do
Campo (Coimbra) |
| 13. S. Lourenço da
Montaria, Bade,
Arcos de Valdevez
(Viana do Castelo) | 32. Granjal (Viseu) |
| 14. Figueiró da Serra
(Guarda) | 33. Corvo (Horta) |
| 15. Alvor (Faro) | 34. Graciosa (Angra
do Heroísmo) |
| 16. Serpa (Beja) | 35. Melides (Setúbal) |
| 17. Lavre (Évora) | 36. Sto André (Vila
Real) |
| 18. Alcochete (Setú-
bal) | 37. Montalvo (San-
tarém) |
| 19. Covo (Aveiro) | 38. Calheta (Angra do
Heroísmo) |
| | 39. Carrapatelo (Évora) |
| | 40. Aljustrel (Beja) |
| | 41. Sto Espírito (Ponta
Delgada) |
| | 42. Cedros (Horta) |



Mapa 1. Rede de Pontos do CORDIAL-SIN

¹ Para uma descrição detalhada do projecto CORDIAL-SIN, bem como para acesso ao *corpus on-line*, consulte-se www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php.

2.2. O conjunto de dados relevante para o estudo da interpolação

Tal como em fases anteriores da história da interpolação, também a interpolação dialectal contemporânea é uma construção opcional e restrita aos contextos de próclise. O seu estudo implica, pois, a observação não só dos contextos em que ela operou mas também daqueles em que, não tendo operado, o proclítico e o verbo ocorrem em adjacência. Assim sendo, os dados observados são aqueles que correspondem a casos de efectiva ou potencial interpolação. Este conjunto de casos é apenas um sub-conjunto da totalidade dos casos de próclise, pois muitos dos casos de adjacência entre o proclítico e o verbo não correspondem a casos de potencial interpolação mas apenas a casos em que entre o elemento proclisador e o proclítico não ocorre nenhum elemento passível de ser interpolado.

O sub-*corpus* relevante para o estudo da interpolação é, pois, constituído por dois tipos de dados²:

- (2) a. proclisador – (...) – clítico – X interpolado – verbo
- b. proclisador – (...) – X interpolável – clítico – verbo

Assim, das 6719 ocorrências de clíticos em posição pré-verbal do CORDIAL-SIN, apenas 707 correspondem a casos de efectiva ou potencial interpolação, ou seja, apenas 707 são dados do tipo relevante, que tomo como objecto de estudo. Resumo estes valores no Quadro 1:

ocorrências de pronomes clíticos em próclise	6719		
ocorrências de pronomes clíticos em próclise em contextos de possível interpolação	707	com interpolação	272
		sem interpolação	435

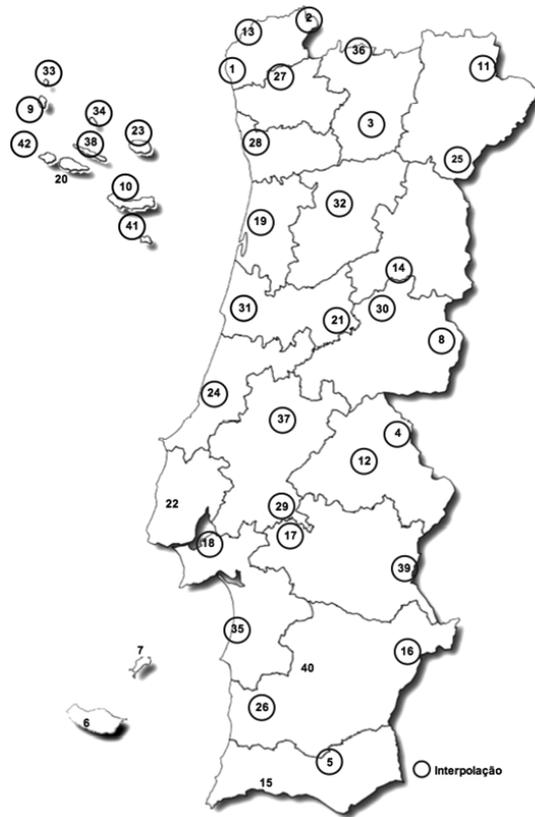
Quadro 1. Atestações de proclíticos no CORDIAL-SIN

2.3. A distribuição geográfica do fenómeno da interpolação

Uma primeira abordagem dos dados torna evidente que, ao contrário do que habitualmente é afirmado (cf., por exemplo, Barbosa 1996 e Duarte / Matos 2000), o fenómeno de interpolação não é um fenómeno exclusivamente característico do Norte do país.

O Mapa 2, abaixo, mostra que das quarenta e duas localidades que integram o CORDIAL-SIN, apenas em seis não se registam atestações de interpolação. Com excepção destes seis pontos – que incluem os dois pontos do Arquipélago da Madeira (pontos 6 e 7), um dos nove pontos dos Açores (ponto 20), um dos dois pontos do Algarve (ponto 15), um dos quatro pontos do Baixo Alentejo (ponto 40) e um dos dois pontos da Estremadura (ponto 22) – pode dizer-se, com base nos dados observados, que o território português está uniformemente coberto no que respeita à existência da construção.

² Os dados de potencial interpolação, dados do tipo (2b) foram seleccionados de acordo com os seguintes critérios: (i) só foram seleccionados dados de potencial interpolação para as localidades em que se registam ocorrências de interpolação, (ii) só foram considerados como elementos potencialmente interpoláveis os elementos que ocorrem efectivamente interpolados (ou outros que pertençam aos mesmos paradigmas).

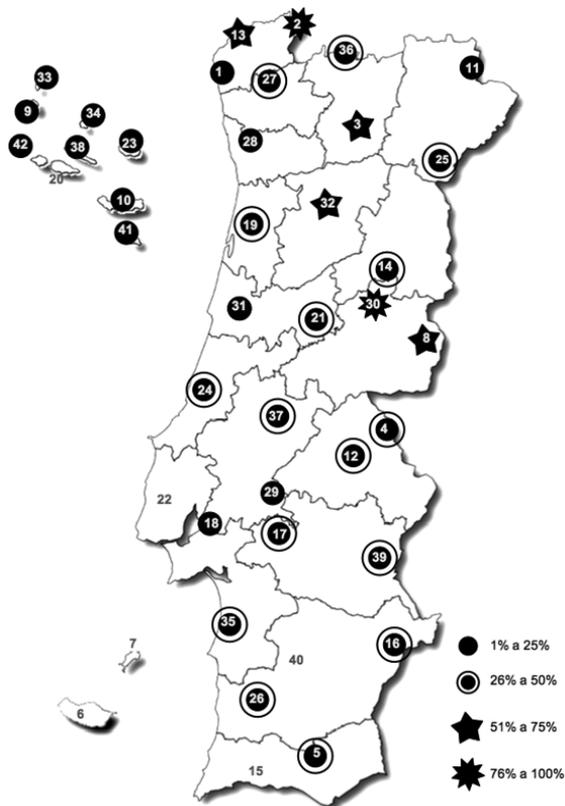


- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 21. Porto de Vacas (Coimbra) |
| 2. Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 22. Enxara do Bispo (Lisboa) |
| 3. Perafita (Vila Real) | 23. Fontinhas (Angra do Heroísmo) |
| 4. Castelo de Vide, Porto da Espada,
S. Salvador, Alpalhão, Nisa (Portalegre) | 24. Moita do Martinho (Leiria) |
| 5. Porches, Alte (Faro) | 25. Larinho (Bragança) |
| 6. Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal) | 26. Luzianes (Beja) |
| 7. Camacha, Tanque (Funchal) | 27. Fiscal (Braga) |
| 8. Monsanto (Castelo Branco) | 28. Gião (Porto) |
| 9. Fajãzinha (Horta) | 29. Sta Justa (Santarém) |
| 10. Ponta Garça (Ponta Delgada) | 30. Unhais da Serra (Castelo Branco) |
| 11. Outeiro (Bragança) | 31. Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 12. Cabeço de Vide (Portalegre) | 32. Granjal (Viseu) |
| 13. S. Lourenço da Montaria, Bade, Arcos
de Valdevez (Viana do Castelo) | 33. Corvo (Horta) |
| 14. Figueiró da Serra (Guarda) | 34. Graciosa (Angra do Heroísmo) |
| 15. Alvor (Faro) | 35. Melides (Setúbal) |
| 16. Serpa (Beja) | 36. Sto André (Vila Real) |
| 17. Lavre (Évora) | 37. Montalvo (Santarém) |
| 18. Alcochete (Setúbal) | 38. Calheta (Angra do Heroísmo) |
| 19. Covo (Aveiro) | 39. Carrapatelo (Évora) |
| 20. Bandeiras, Cais do Pico (Horta) | 40. Aljustrel (Beja) |
| | 41. Sto Espírito (Ponta Delgada) |
| | 42. Cedros (Horta) |

Mapa 2. Distribuição geográfica da interpolação

Aquilo que, no entanto, parece acontecer é que as localidades em que a interpolação é um processo muito produtivo, ou seja, as localidades em que se verificam as mais altas taxas de actualização de interpolação no conjunto de contextos relevantes, são efectivamente no

Norte do país. No Mapa 3, apresento a distribuição geográfica da interpolação, tendo em conta os valores percentuais da sua actualização.



- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 21. Porto de Vacas (Coimbra) |
| 2. Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 22. Enxara do Bispo (Lisboa) |
| 3. Perafita (Vila Real) | 23. Fontinhas (Angra do Heroísmo) |
| 4. Castelo de Vide, Porto da Espada, | 24. Moita do Martinho (Leiria) |
| S. Salvador, Alpalhão, Nisa (Portalegre) | 25. Larinho (Bragança) |
| 5. Porches, Alte (Faro) | 26. Luzianes (Beja) |
| 6. Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal) | 27. Fiscal (Braga) |
| 7. Camacha, Tanque (Funchal) | 28. Gião (Porto) |
| 8. Monsanto (Castelo Branco) | 29. Sta Justa (Santarém) |
| 9. Fajãzinha (Horta) | 30. Unhais da Serra (Castelo Branco) |
| 10. Ponta Garça (Ponta Delgada) | 31. Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 11. Outeiro (Bragança) | 32. Granjal (Viseu) |
| 12. Cabeço de Vide (Portalegre) | 33. Corvo (Horta) |
| 13. S. Lourenço da Montaria, Bade, Arcos | 34. Graciosa (Angra do Heroísmo) |
| de Valdevez (Viana do Castelo) | 35. Melides (Setúbal) |
| 14. Figueiró da Serra (Guarda) | 36. Sto André (Vila Real) |
| 15. Alvor (Faro) | 37. Montalvo (Santarém) |
| 16. Serpa (Beja) | 38. Calheta (Angra do Heroísmo) |
| 17. Lavre (Évora) | 39. Carrapatelo (Évora) |
| 18. Alcochete (Setúbal) | 40. Aljustrel (Beja) |
| 19. Covo (Aveiro) | 41. Sto Espírito (Ponta Delgada) |
| 20. Bandeiras, Cais do Pico (Horta) | 42. Cedros (Horta) |

Mapa 3. Distribuição geográfica da interpolação – valores percentuais

Note-se que as seis localidades que apresentam uma taxa de actualização da interpolação superior aos 50% são todas da região Norte (pontos 2, 3, 8, 13, 30 e 32). O Norte do país não é, porém, uma zona uniforme de altos níveis de interpolação: das poucas localidades em que se atestam níveis de interpolação muito baixos, três são localidades nortenhas (pontos 1, 11 e 28).

Para além destas, as outras três localidades do continente com uma percentagem de interpolação inferior aos 25% situam-se na Estremadura (ponto 18), no Ribatejo (ponto 29) e na Beira Litoral (ponto 31). As restantes estão concentradas nos Açores.

As localidades que apresentam valores de actualização da interpolação entre os 26% e os 50% são as mais comuns (dezasseis localidades), distribuindo-se ao longo de todo o território continental, mais uniformemente nas regiões do Alentejo e do Algarve.

Estes valores permitem ainda concluir que, tal como aconteceu ao longo de toda a história do português, a interpolação é uma construção opcional, ou seja, a par da possibilidade de interposição de um constituinte entre o clítico e o verbo, existe a possibilidade de os mesmos ocorrerem em posições contíguas. Em todas as variedades em que se atesta interpolação existe um número significativo de casos de adjacência entre o clítico e o verbo nos mesmos contextos. Aliás, e desta vez contrariamente à interpolação característica do português antigo, a opção pela adjacência é preferencial para a quase totalidade das variedades observadas (seis localidades com preferência pela interpolação contra trinta com preferência pela adjacência).

2.4. Os constituintes interpolados

Para além da partícula de negação predicativa – cuja interpolação é uma opção disponível na gramática da variedade *standard* do PE contemporâneo – no CORDIAL-SIN, ocorrem, interpostos entre o proclítico e o verbo, pronomes, advérbios e sintagmas preposicionais. No Quadro 2 apresento o elenco dos elementos interpolados no *corpus* dialectal considerado.

Pronomes	Advérbios	Sintagmas Preposicionais	Partícula de Negação Predicativa
eu ele/ela nós/ a gente ³ eles/elas esta isso isto	aí ali aqui cá lá agora depois então hoje ontem ainda já assim	para lá para aí a nós	não

Quadro 2. Elementos interpolados no CORDIAL-SIN

Estes elementos interpolados – que categorialmente se arrumam em paradigmas bem definidos – desempenham diversas funções gramaticais e discursivas, conforme resumo no Quadro 3.

³ Sobre o facto de *a gente* ser uma unidade gramaticalizada com estatuto de pronome pessoal, vejam-se os trabalhos de Nascimento (1989), Lopes (1999), Menuzzi (1999, 2000) e Pereira (2003).

Categoria	Função gramatical /discursiva
pronomes	sujeitos
	expletivos
	tópicos
advérbios	modificadores
	complementos (deslocados à esquerda)
	predicados de OPs (deslocados à esquerda)
sintagmas preposicionais	modificadores
	complementos (deslocados à esquerda)
	redobros de clítico (deslocados à esquerda)

Quadro 3. Função dos elementos interpolados no CORDIAL-SIN

Os exemplos (3) a (41) ilustram a interpolação dos diferentes tipos de constituintes:

pronomes sujeito

- (3) E queria ele que lhe *eu* fizesse uma ponte em ferro. (Castelo de Vide, CORDIAL-SIN AAL39)
 (4) Sabe o que lhe *ele* disse? (Covo, CORDIAL-SIN COV13)
 (5) Escreveram-me os senhores? Assim me *ela* escreveu. (S. Lourenço da Montaria, CORDIAL-SIN MIN07)
 (6) Dá-lhe as respostas que lhe *nós* damos. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL03)
 (7) E a gente, para comer a carne da arca, sabe o que lhe *a gente* faz? (Covo, CORDIAL-SIN COV07)
 (8) Sabe como é que se *eles* entretinham a brincar? (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS12)
 (9) ... e depois queimavam ali as torgas e depois ao fim de se *elas* apagarem... (Porto de Vacas CORDIAL-SIN PVC22)
 (10) E eu andava muito cheinha de febre – nunca me *esta* esqueceu. (Granjal CORDIAL-SIN GRJ31)
 (11) Eu não sei como se *isso* chamava. (Alpalhão, CORDIAL-SIN AAL85)
 (12) Como é que se *isto* rega? (Cabeço de Vide, CORDIAL-SIN CBV14)

pronomes expletivos

- (13) Os carros é tudo em ferro como se *ele* vê. (Sto André, CORDIAL-SIN STA36)
 (14) Até de Verão se *ele* lavra! (Carrapatelo, CORDIAL-SIN CPT51)
 (15) Assim é que se *isto* poderia fazer alguma coisa. (Melides, CORDIAL-SIN MLD08)

pronomes com função de tópicos

- (16) Eu até me *eu* aborrece de ouvir aquelas coisas! (Carrapatelo, CORDIAL-SIN CPT54)
 (17) Espere aí a ver se me *eu* lembra. (Perafita, CORDIAL-SIN PFT34)

advérbios modificadores

- (18) Fazem o carvão que ainda hoje se *aí* faz. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR07)
 (19) Olha que foram os que me *ali* deitaram às cabras, aqui na da Rosairinha (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS08)
 (20) Nunca se *aqui* conheceu nada disso. (Castelo de Vide, CORDIAL-SIN AAL65)
 (21) Agora os de ferro, isto já há muitos anos que a gente os *cd* usa. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST26)
 (22) E depois contava o que se *lá* passou, coitado. (Covo, CORDIAL-SIN COV19)
 (23) É o que mais se *agora* cria é isto. (Figueiró, CORDIAL-SIN FIG17)

- (24) ... tem a lagareta que é para onde esse vinho, para onde se *depois* colhe. (Perafta, CORDIAL-SIN PFT38)
- (25) E depois ia-se ao lameiro, botava-se aquilo num remendo para se *então* untar toda, toda, toda, para ficar ali. (Sto Espírito, CORDIAL-SIN STE01)
- (26) Ainda houve umas solteiras, claro, de cair naquela rede que ainda se *hoje* cai. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL32)
- (27) Ainda os *ontem* tirei do carroço. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST29)
- (28) Depois comprámos-lhe até uma folha de zinco, ‘pusémos-a’ lá, que lhe *ainda* lá há-de estar. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS08)
- (29) Trigo é que se *já* semeou aqui muito mas agora é pouco. (Alcochete, CORDIAL-SIN ALC01)

advérbios complemento

- (30) Também os *aqui* meto. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST29)
- (31) Ainda se lhe *aqui* pôs a mesa. (Perafta, CORDIAL-SIN PFT30)⁴
- (32) Levam, até te o *lá* levávamos. (Perafta, CORDIAL-SIN PFT21)
- (33) O dono do moinho lá o mói a quem o *lá* leva (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS24)
- (34) E vai então o meu irmão: “Ó rapaz, que estás aí a fazer”? Quando lhe *assim* disse, virou-lhe aos quartos traseiros e botou-lhe para lá uma mancheia de areia para cima. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS10)

advérbios predicados de OPs

- (35) Quando me *cá* apanhei, disse assim: “Ai, credo! Então se agora aqui caísse um bocado de entulho, eu ficava aqui debaixo. Ficava cá morta!” (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS21)

sintagmas preposicionais complemento

- (36) Todos os dias se *para lá* ia achar túbara. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR24)

sintagmas preposicionais modificadores

- (37) Eu não sei o que é que me *para aí* fizeram. (Granjal, CORDIAL-SIN GRJ26)

sintagmas preposicionais redobro do clítico

- (39) Normalmente era sempre com as charruas de ferro, que nos *a nós* lembra. (Sto André, CORDIAL-SIN STA21)
- (40) E depois quem nos *a nós* valeu foi o senhor tenente da Guarda Republicana de Moimenta. (Granjal, CORDIAL-SIN GRJ49)

partícula de negação predicativa

- (41) Em bem me *não* agradando a fatia, venho-me embora. (Cabeço de Vide, CORDIAL-SIN CBV15)

Coincidentemente com o que acontecia em outras fases da história da interpolação (cf. Martins 1994, Fiéis 2001, 2003), também actualmente existe a possibilidade de interpor dois

⁴ Note-se que, nesta frase, a sequência *pós a mesa* não é uma forma do complexo verbal *pôr a mesa*, caso em que o advérbio *aqui* funcionaria como modificador e não como complemento. O contexto em que este exemplo ocorre mostra que o sentido da frase é *ainda se pôs uma mesa aqui para ele*. O verbo *pôr* está, pois, a ser utilizado ditransitivamente, correspondendo o advérbio *aqui* a um dos seus complementos.

constituintes entre o clítico e o verbo. Nestes casos, os elementos interpolados são aqueles que mais comumente ocorrem interpolados – pronomes, advérbios e *não* – estando atestadas todas as associações logicamente possíveis (pronome e *não*, pronome e advérbio, advérbio e advérbio, advérbio e *não*). A posição relativa dos dois elementos interpolados é a mesma que se encontrava em épocas anteriores – quando um dos elementos interpolados é o sujeito, este ocorre linearmente mais à esquerda; quando um dos elementos interpolados é *não*, este ocorre linearmente mais à direita, ficando sempre adjacente ao verbo (cf. Fiéis 2001, 2003)⁵. Apresento abaixo alguns dos casos de interpolação simultânea de dois constituintes registados no *corpus* considerado:

pronome + não

- (42) E então, eu chegava e, na vez de ir-lhe perguntar por eles, já assim com um bocado de tal para que me *ela não* corresse, perguntava-lhe pela minha sogra falecida. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL41)
- (43) Tem de se pôr um garnel para lhe *eles não* forçar. (Ponta Garça, CORDIAL-SIN MIG10)
- (44) A murça é aquela parte de enrolar o atilho para se *ele não* sair. (Luzianes, CORDIAL-SIN LUZ05)

pronome + advérbio

- (45) Também as *eu ali* tenho. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST30)
- (46) Quando me *eu cá* andava no campo, na fazenda, era muito bonito ver mesmo o linho. (Porto de Vacas, CORDIAL-SIN PVC19)
- (47) Se nós precisássemos todos os dias que nos *ele lá* fosse fazer qualquer coisa em casa, ele ia sempre. (Granjal, CORDIAL-SIN GRJ36)

advérbio + advérbio

- (48) Depois comprámos-lhe até uma folha de zinco, ‘pusémos-a’ lá, que lhe *ainda lá* há-de estar. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS08)

advérbio + não

- (49) Chegava então a um giestal – giestas, giestas pegadas, pegadinhas, que quase que se *lá não* passa no meio. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS42)
- (50) Já agora já os *lá não* tenho. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS12)
- (51) Ele veio lá a casa mas eu já o *lá não* tinha. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS12)

2.5. A classe dos interpolados dialectais

O elenco de interpolados dialectais identificados no CORDIAL-SIN é extenso e variado. Os elementos interpolados exibem propriedades diferenciadas a vários níveis: pertencem a classes morfo-sintáticas distintas, têm estrutura sintáctica mais ou menos complexa, desempenham diferentes funções gramaticais e discursivas e apresentam estrutura métrica variável. Ainda assim, a interpolação dialectal contemporânea está muito distante da interpolação generali-

⁵ Nos dados de interpolação de dois constituintes do português antigo, esta é, de facto, a ordem de palavras mais comum e a única possível quando os dois elementos interpolados correspondem a sujeito e *não* ou a advérbio e *não*. No entanto, Martins (2002: 241) mostra que, nos casos de interpolação de sujeito e objecto ou de sujeito e advérbio, a posição relativa dos dois constituintes não é fixa e, a par das sequências S-O e S-ADV, atestam-se igualmente, embora mais raramente, as sequências O-S e ADV-S.

zada e altamente permissiva do português antigo⁶. É, pois, necessário determinar qual a propriedade que caracteriza uniformemente os interpolados dialectais, individualizando-os, como classe, no sistema linguístico do PE e conferindo-lhes a possibilidade de interromperem a adjacência entre o clítico e o verbo⁷.

Segundo defendo, todos os interpolados dialectais, à excepção de *não*, têm em comum o facto de serem elementos referencialmente dependentes, de natureza dêictica. Proponho que estes vários elementos estejam formalmente associados ao traço [+ dependente].

Como se sabe, os dêicticos são unidades ou expressões linguísticas cuja referência não se mantém constante e é fixada na dependência das coordenadas básicas do acto de enunciação – os interlocutores que nele participam, o momento em que se realiza e o lugar em que decorre. Uma das tipologias clássicas da dêixis reflecte precisamente este sistema de coordenadas ao distinguir, entre os termos dêicticos, três grandes categorias – os dêicticos pessoais, os dêicticos espaciais e os dêicticos temporais – que, respectivamente, fazem referência a entidades, a lugares e a momentos ou intervalos de tempo. Sem uma correspondência exacta com as coordenadas da enunciação, mas tendo ainda em conta o nível de informação veiculada, é possível considerar um quarto tipo de dêixis – a dêixis modal (ou nocional) – através do qual se referem modos ou maneiras (cf. Bühler 1934; Lopes 1985; Fonseca 1996; Eguren 1999).

A utilização desta tipologia de dêixis na classificação dos elementos interpolados do CORDIAL-SIN mostra não só que estes cobrem regularmente as quatro categorias referidas, como também que, dentro de cada uma delas, formam paradigmas muito completos (em alguns casos, quase exaustivos). Apresento, no Quadro 4, esta distribuição e, de seguida, alguns dos dados de interpolação do *corpus*, agrupados de acordo com a classe de dêixis a que pertencem os interpolados⁸.

Dêixis pessoal	Dêixis espacial	Dêixis temporal	Dêixis modal
eu	aqui		
nós / a gente	ali	agora	
ele / ela	aí	depois	
eles / elas	cá	então	
	lá	hoje	assim
	para lá	ontem	
	para aí		
a nós		ainda	
	esta	já	
	isto		
	isso		

Quadro 4. Constituintes interpolados – tipos de dêixis

⁶ Até ao século XVI, todo o tipo de sujeitos e constituintes movidos por scrambling de média distância (constituintes do domínio de IP) podiam ocorrer interpolados entre o clítico e o verbo (cf. Martins 1994, 2003, 2005).

⁷ Barbosa (1996) e Fiéis (2001, 2003), com base nos dados de interpolação dialectal conhecidos à data da realização dos seus trabalhos, procuram caracterizar os interpolados dialectais, recorrendo, respectivamente, a noções de ordem métrica e a noções de ordem categorial. P. Barbosa considera que os elementos interpolados têm em comum o facto de serem palavras prosódicas monossilábicas, A. Fiéis defende que os elementos interpolados são formas fracas (X⁰s), adjuntos a núcleos verbais. Qualquer destas propostas se revela descritivamente inadequada face aos dados de interpolação do CORDIAL-SIN: não só existem elementos interpolados que não têm estas propriedades, como existem outros que as têm e que nunca sofrem essa operação. Veja-se Magro (2007: 102-110) para uma apreciação detalhada destas propostas à luz dos novos dados de interpolação identificados.

⁸ Como se pode constatar pela leitura de alguns dos exemplos que apresento em (52)-(72), a minha proposta de classificação dos interpolados dialectais assenta numa concepção muito lata de dêixis. Tomando como referência os trabalhos de Bühler (1934), Lyons (1977) e Levinson (1983), estou a considerar a anáfora um tipo particular de dêixis ou, pelo menos, um mecanismo de construção referencial que tem na base uma componente dêictica. Veja-se Magro (2007: 113-119) para a discussão desta questão.

dêixis pessoal

- (52) Quando me *eu* criava, a gente comia só pão, daquele pão preto de centeio, e às vezes queria-o a gente mesmo seco e nem seco a gente o apanhava (Monsanto, CORDIAL-SIN MST42)
- (53) Você, nós vamos ver se conseguimos a virar-lhe o carro. Se *lhe nós* conseguir a virar o carro, muito bem; se *lhe* não conseguir a virar o carro, você vai para baixo para a povoação para onde a mim. Para a minha casa! (Covo, CORDIAL-SIN COV21)
- (54) Normalmente era sempre com as tais charruas de ferro, que nos *a nós* lembra. (Sto André, CORDIAL-SIN STA21)
- (55) E sabe Deus como se *a gente* vivia, não é? (S. Lourenço da Montaria, CORDIAL-SIN MIN07)
- (56) Quando foi que ele morreu, depois quando se *ele* mortalhou, ia-se a pentear e ele largava bocados de pele e de cabeça. (Covo, CORDIAL-SIN COV32)
- (57) E depois vou com eles para o médico que é para se *eles* lembrarem. (Vila Praia de Âncora, CORDIAL-SIN VPA15)
- (58) Oi! Quando me *ela* disse aquilo! (Covo, CORDIAL-SIN COV12)

dêixis espacial

- (59) Depois tiravam-no, era maçado – tenho cá a maça também, sei que a *aqui* tenho por baixo, a maça de amaçar o linho. (Porto de Vacas, CORDIAL-SIN PVC19)
- (60) Também as eu *ali* tenho. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST30)
- (61) Ainda a *á* tenho, que já dá para a minha vida. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS29)
- (62) Também se *cá* usa, mas agora não sei dizer qual é esta. (Figueiró, CORDIAL-SIN FIG10)
- (63) Ou mais, senão, ainda até o *lá* tinham mais tempo. (Perafita, CORDIAL-SIN PFT2(64)
Todos os dias se *para lá* ia achar túbara. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR24)
- (65) E então como é que se *isso* fazia? (Melides, CORDIAL-SIN MLD46)
- (66) Como é que se *isto* rega? (Cabeço de Vide, CORDIAL-SIN CBV14)

dêixis temporal

- (67) É o que mais se *agora* cria é isto. (Figueiró, CORDIAL-SIN FIG17)
- (68) ... tem a lagareta que é para onde esse vinho, para onde se *depois* colhe. (Perafita, CORDIAL-SIN PFT38)
- (69) E depois ia-se ao lameiro, botava-se aquilo num remendo para se *então* untar toda, toda, toda, para ficar ali. (Sto Espírito, CORDIAL-SIN STE01)
- (70) Ainda houve umas solteiras, claro, de cair naquela rede que ainda se *hoje* cai. (Castro Laboreiro, CORDIAL-SIN CTL32)
- (71) Ainda os *ontem* tirei do carroço. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST29)

dêixis modal

- (72) Quando *lhe assim* disse, virou-lhe aos quartos traseiros e botou-lhe para lá uma mancheia de areia para cima. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS10)

A classificação dos advérbios *já* e *ainda* e dos pronomes expletivos *ele* e *isto* como dêicticos necessita de ser clarificada. No primeiro caso, ainda que em rigor não possa dizer-se que *já* e *ainda* sejam dêicticos, uma vez que não desempenham um papel de verdadeiros localizadores temporais, pode dizer-se que são elementos que pertencem à esfera da dêixis temporal. Em todos os dados do CORDIAL-SIN em que ocorrem interpolados, estes advérbios manifestam o seu valor temporo-aspectual prototípico: *já* e *ainda* funcionam, respectivamente, como operadores de perfectividade ou imperfectividade, marcando a situação descrita como ‘concluída’

ou 'em curso' relativamente a um tempo de referência (momento da enunciação). No segundo caso, os pronomes expletivos interpolados correspondem aos expletivos 'especiais' do PE não-*standard* estudados por Carrilho (2005). De acordo com o trabalho de Carrilho (2005), estes expletivos são elementos da periferia esquerda da frase que actuam como reforço da força ilocutória de uma frase enquanto acto de fala ou que contribuem para o valor avaliativo dos enunciados em que ocorrem. Tais efeitos pragmatico-discursivos implicam necessariamente o envolvimento (ou mesmo o comprometimento) do participante mais proeminente do acto de fala: o sujeito enunciador. A interpretação destes expletivos está fortemente vinculada à situação de enunciação, o que lhes confere uma natureza essencialmente dêictica⁹.

Como excepção a esta proposta de classificação dos interpolados dialectais resta o caso único da partícula de negação *não* que, no âmbito deste trabalho, receberá um tratamento diferenciado. A discussão sobre as condições particulares que viabilizam a interpolação de *não* será desenvolvida nas secções seguintes. Embora considere que a interpolação é sempre o resultado de uma mesma operação gramatical, procurarei defender que o factor que a desencadeia não é exactamente o mesmo em todos os casos, estabelecendo-se, a este respeito, a oposição entre *não* e os restantes elementos interpolados. De acordo com esta hipótese, o contraste existente entre a interpolação restritiva da variedade *standard* (circunscrita a *não*) e a interpolação mais permissiva das variedades dialectais decorre precisamente desta oposição.

2.6. Os contextos de interpolação

Uma primeira observação dos dados de interpolação do CORDIAL-SIN faria concluir que os domínios sintácticos legitimadores de interpolação se mantiveram inalterados ao longo da história do português. Na verdade, tal como acontecia em fases anteriores, no conjunto de dados considerado, a interpolação ocorre nos seguintes contextos: (i) orações subordinadas (adverbiais, relativas, completivas e clivadas), (ii) orações não dependentes negativas (sempre com *nunca*), (iii) orações não dependentes afirmativas não-'neutras' (orações optativas, orações introduzidas por sintagmas -*qu*, por advérbios proclisadores ou por quantificadores).

Em (73)-(81) apresento dados de interpolação em cada um destes contextos de ocorrência.

adverbiais

(73) Pois, põe ali este figo ao sol para que se *ele* seque. (Alpalhão, CORDIAL-SIN AAL81)

relativas

(74) Vê o efeito que lhe *eu* estava a dizer há bocadinho? (Cabeço de Vide, CORDIAL-SIN CBV06)

completivas

(75) Se o meu irmão ia com elas, o meu pai tinha que o *lá* ir esperar. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN, UNS07)

clivadas

(76) Sei é de real certeza que isto era com o que se *eles* batiam o centeio. (Serpa, CORDIAL-SIN SRP15)

⁹ Para argumentos adicionais a favor da inclusão dos advérbios temporo-aspectuais e dos pronomes expletivos na classe dos dêicticos, veja-se Magro (2007: 122-126).

negativas

(77) Nunca me *cá* faltou. (Unhais da Serra, CORDIAL-SIN UNS21)

optativa

(78) Deus o *lá* tenha em descanso. (Covo, CORDIAL-SIN COV35)

introduzidas por sintagmas qu-

(79) Oh, quem se *cá* pode safar daqui! (Monsanto, CORDIAL-SIN MST24)

introduzidas por advérbios proclisadores

(80) Se é pouco, mesmo dentro duma marmita se *eles* governam. (Alte, CORDIAL-SIN PAL37)

introduzida por quantificador

(81) Todos os dias se *para lá* ia achar túbara. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR24)

Exemplos como estes mostram que a interpolação dialectal contemporânea se actualiza exactamente no mesmo tipo de domínios sintácticos em que desde sempre se actualizou. Esta coincidência é, no entanto, apenas superficial. De facto, estes domínios – que em fases anteriores da história do português definiam contextos de próclise obrigatória – são, para muitas das variedades dialectais integradas no CORDIAL-SIN, contextos de variação entre próclise e ênclise.

Repare-se, por exemplo, nos dados de (82)-(84), produzidos pelos informantes de Monsanto, Lavre e Alcochete, que certificam os contextos de interpolação como contextos de variação no que diz respeito à posição em que o clítico ocorre relativamente ao verbo. Cada grupo de dados é constituído por um exemplo de interpolação, um exemplo de próclise e um exemplo de ênclise.

Monsanto

- (82) a. Ainda os *ontem* tirei do carroço. (CORDIAL-SIN MST29)
 b. Eu o meu ainda o *faço* assim. (CORDIAL-SIN MST35)
 c. É que ele ainda amassa a farinha e nós aqui ainda *sacode-se* e abala. (CORDIAL-SIN MST24)

Lavre

- (83) a. Esta coisa que *lhe eu* chamo brocha tem uma azelha aqui a esta ponta. (1E0611b, 00:28)
 b. E essa cortiça que eu tenho aí ruim, são cortiças que *me dão*. (CORDIAL-SIN LVR03)
 c. Nas ordenhas das ovelhas é que havia uma ovelha que *chamavam-lhe* a 'emparadeira', que ia sempre ao lado. (CORDIAL-SIN LVR13)

Alcochete

- (84) a. Joanhina é que é que se *a gente* emprega cá. (CORDIAL-SIN ALC41)
 b. Depois de ele estar ali pendurado e aberto é que *lhe sai* aquilo tudo para fora. (CORDIAL-SIN ALC30)
 c. Depois de estar do chão ali dois dias é que *vai-se* depois atar. (CORDIAL-SIN ALC07)

A restrição da interpolação aos contextos de próclise obrigatória – condição requerida pela interpolação do português antigo¹⁰ – parece, pois, não se verificar nos dialectos que actualmente dispõem desta construção. Será, então, legítimo afirmar que a interpolação dialectal contemporânea pode efectivar-se em qualquer contexto em que o clítico se encontre em posição pré verbal, quer essa posição seja obrigatória ou opcional¹¹.

3. A LITERATURA SOBRE INTERPOLAÇÃO E A SUA ADEQUAÇÃO AOS NOVOS DADOS DIALECTAIS

3.1. As análises de tipo sintáctico

As análises de tipo sintáctico – que derivam a interpolação por movimento do clítico para uma categoria funcional mais alta do que a ocupada pelo constituinte interpolado (cf. Martins 1994, 2003, 2005) – encontram uma primeira dificuldade relativa, precisamente, à determinação da categoria funcional que é alvo do movimento do clítico, uma vez que a ordem de palavras nas frases com interpolação dá a este respeito informação contraditória.

Se há casos em que o clítico parece ocupar uma posição estrutural muito alta, como em (85a)-(86a), em que precede elementos da periferia esquerda da frase (concretamente, um expletivo periférico em (85a) e um tópico em (86a)), há outros que constituem evidência em sentido contrário, como (85b)-(86b), em que o clítico se encontra precedido por elementos do domínio de IP (concretamente, pelo advérbio aspectual *já*).

- (85) a. Assim é que *se isto* poderia fazer alguma coisa. (Melides, CORDIAL-SIN MLD08)
 b. Parece que *já se* não damos com as mezinhas, não é? (Melides, CORDIAL-SIN MLD31)
- (86) a. Eu até *me eu* aborrece de ouvir aquelas coisas! (Carrapatelo, CORDIAL-SIN CPT54)
 b. Perguntei-lhe aí umas quinze ou dezasseis vezes, até que lhe dei uma palavra que eu até *já me* não lembra como ela foi. (Carrapatelo, CORDIAL-SIN CPT19)

Dados como os de (87), em que o clítico ocorre interposto entre elementos que formam um sintagma, constituem um desafio adicional para uma análise sintáctica da interpolação, uma vez que implicam concluir que o clítico toma como alvo do seu movimento uma categoria lexical e não funcional.

- (87) [Ainda *os ontem*] tirei do carroço. (Monsanto, CORDIAL-SIN MST29)

Finalmente, uma análise de natureza puramente sintáctica teria de ultrapassar a grande dificuldade de justificar o contraste que apresento em (88)-(89), ou seja, explicar porque é que elementos com as mesmas propriedades sintácticas (concretamente, com a mesma função sintáctica e ocupando, presumivelmente, a mesma posição estrutural) têm comportamentos distintos relativamente ao fenómeno de interpolação.

- (88) a. No Natal é que me *ela* escreveu.
 b. * No Natal é que me *a Maria* escreveu.
- (89) a. Diz que se *lá* come uma bela sopa de cação.
 b. * Diz que se *no Escoural* come uma bela sopa de cação.

¹⁰ Recorde-se que no português antigo as orações não dependentes afirmativas sem indutores de próclise eram contextos de variação na colocação dos clíticos. Neste tipo de orações, porém, os clíticos ocorriam necessariamente adjacentes ao verbo.

¹¹ Note-se, contudo, que os casos de interpolação dialectal são, como sempre foram, um subconjunto dos casos de próclise; a interposição de material entre o verbo e um enclítico é agramatical nas variedades dialectais consideradas.

duplicação total

- (93) A[BC]D delimitação da subsequência a duplicar
 A-BC-BC-D resultado da duplicação

duplicação parcial

- (94) A[B>C]D delimitação da subsequência a duplicar e indicação do elemento a eliminar
 A-~~BC~~-BC-D resultado da duplicação e marcação para apagamento
 A-C-BC-D resultado final
- (95) A[B<C]D delimitação da subsequência a duplicar e indicação do elemento a eliminar
 A-BC-B~~C~~-D resultado da duplicação e marcação para apagamento
 A-BC-B-D resultado final

Quando o *input* tem a forma que apresento em (96), ou seja, quando há indicação para apagar o primeiro elemento na primeira cópia produzida e o segundo elemento na segunda cópia produzida, a operação terá como resultado a inversão dos dois elementos duplicados, ou seja, produzirá a metátese dos dois elementos.

duplicação parcial com metátese

- (96) A[B><C]D delimitação da subsequência a duplicar e indicação dos elementos a eliminar
 A-~~BC~~-B~~C~~-D resultado da duplicação e marcação para apagamento
 A-C-B-D resultado final

É isto que proponho que aconteça nos dialectos com interpolação, cuja gramática integrará uma regra como a de (97), que tem a seguinte leitura: numa sequência linearizada em que o clítico seja precedido por um elemento dependente, duplique-se a subsequência formada por estes dois elementos, marcando para apagamento o elemento dependente na primeira cópia produzida e o clítico na segunda.

regra de metátese dos dialectos do PE

- (97) Numa sequência com a forma $X Y_{dep} cl Z$, insira:
 [imediatamente à esquerda de Y_{dep}
] imediatamente à direita de cl
 > imediatamente à direita de Y_{dep}
 < imediatamente à esquerda de cl

A aplicação desta regra de metátese produzirá a inversão dos dois elementos em questão, derivando a interpolação do elemento dependente conforme represento esquematicamente em (98).

- (98) $X Y_{dep} cl Z$
 $X [Y_{dep} > <cl] Z$
 $X - Y_{dep} cl - Y_{dep} cl - Z$
 $X - cl - Y_{dep} - Z$

O facto de a principal predição feita por esta análise da interpolação ser confirmada pelos dados do CORDIAL-SIN é sinal da sua sustentabilidade. De acordo com o sistema definido por Harris / Halle (2005), metátese e duplicação são apenas diferentes faces de um mesmo mecanismo gramatical. Assim sendo, esperar-se-ia que os dialectos que têm interpolação

como resultado de um processo de metátese tivessem dados de duplicação de clítico nos mesmos contextos. É, de facto, possível encontrar no CORDIAL-SIN dados de duplicação de clítico pré e pós elemento interpolado, conforme os exemplos que apresento em (99)-(104) deixam ver.

- (99) Se não se fizesse muito, como é que *me* eu *me* safava?! (Melides, CORDIAL-SIN MLD21)
 (100) E convenceu-me para *me* eu *me* vir embora também e fui também. (Melides, CORDIAL-SIN MLD48)
 (101) Ainda hoje *se lá se* conserva aquele bocadinho. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR02)
 (102) O pão tem de ser posto com uma vasilha que *se lá se* põe. (Serpa, 1B03b07b, 11:40)
 (103) O que é fica mais ralo para *se* depois *se* sachar assim. (Montalvo, CORDIAL-SIN MTV35)
 (104) As tripas, sim, eu nunca *me* já *me* lembro de *se* limpar tripas na ribeira. (Cedros, CORDIAL-SIN CDR18)

No quadro da minha proposta, dados como estes serão derivados da seguinte forma:

- (105) X Y_{dep} cl Z
 X [Y_{dep} > cl] Z
 X- Y_{dep} cl- Y_{dep} cl- Z
 X- cl- Y_{dep} cl- Z

5. UMA OUTRA HISTÓRIA DA INTERPOLAÇÃO

O tratamento da interpolação dialectal como resultado de uma operação pós-sintáctica levanta a questão de saber que relação tem este fenómeno com a interpolação generalizada do português antigo, esta última seguramente resultante de uma operação sintáctica de movimento do clítico.

Defendo a hipótese de que a interpolação dialectal contemporânea não tem origem directa na interpolação generalizada do português antigo, correspondendo a um fenómeno inovador e relativamente recente na história do português.

São factores que favorecem esta ideia (i) o (re)aparecimento de dados de interpolação, em tudo idênticos aos dados de interpolação dialectal, em fontes escritas do século XIX, após cerca de cento e cinquenta anos de interregno (os textos da segunda metade do século XVII e de todo o século XVIII não atestam dados de interpolação de constituintes diferentes de *não*)¹³ e (ii) a diferenciação do português e do galego no que diz respeito ao tipo de interpolação que hoje manifestam, podendo isto indicar que a origem da interpolação dialectal do português é tardia na história desta língua (localizada numa época em que português e galego são já sistemas linguísticos totalmente diferenciados)¹⁴.

De acordo com a revisão que faço da história da interpolação, a emergência dos processos de metátese na gramática do português ter-se-á dado durante o século XVII, após a perda da interpolação generalizada, e decorre da reanálise da interpolação de *não* como um processo de metátese entre clítico e Σ (projecção funcional que alberga *não*; cf Laka 1990; Martins 1994

¹³ A história moderna da interpolação foi estudada com base em textos literários e não literários (correspondência particular) dos séculos XVII, XVIII e XIX. Os resultados obtidos na pesquisa de dados de interpolação nos dois grupos de documentos são coincidentes. Para a referência dos textos analisados, veja-se Magro (2007: 174-187).

¹⁴ A interpolação dialectal existente em galego contemporâneo parece ser significativamente mais permissiva do que a sua correspondente em português. Para além dos elementos interpolados em português, o galego admite ainda a interpolação do pronome indefinido *un* (com função sintáctica de sujeito ou objecto directo), de DPs plenos (com função sintáctica de sujeito, predicativo do sujeito, objecto directo ou objecto de preposição), de complementos infinitivos e do quantificador negativo *nunca*. Tanto quanto pude apurar, estes dados de interpolação ocorrem quer na produção espontânea de falantes de variedades dialectais, quer em cantigas populares e obras literárias regionalistas (cf. Carballo Calero 1966; Álvarez 1980, 1997; Álvarez et al. 1986; Álvarez / Xove 2002).

e trabalho subsequente) nos contextos em que Σ tem uma natureza dependente, ou seja, nos contextos em que a instanciação dos traços de polaridade de Σ está dependente de informação presente em C¹⁵.

Num segundo momento, que localizo no século XIX, baseada no testemunho das fontes escritas, que nessa época voltam a atestar dados de interpolação, um novo processo de mudança conduzirá à simplificação da regra de metátese que deriva a interpolação de *não* e à consequente extensão da sua aplicação a outros contextos em que o clítico é precedido por elementos de natureza dependente (os dêicticos).

Nesta outra história da interpolação, a interpolação de *não* desempenha um papel fundamental, uma vez que é através do percurso particular desta construção específica que se consegue justificar a oposição existente entre (i) a interpolação generalizada e puramente sintáctica do português antigo, (ii) a interpolação altamente restritiva do português *standard* contemporâneo e (iii) a interpolação menos restritiva mas lexicalmente orientada das variedades dialectais contemporâneas.

6. OUTRAS MANIFESTAÇÕES DE METÁTESE E DUPLICAÇÃO NOS DIALECTOS DO PORTUGUÊS

A análise que proponho consegue igualmente dar conta da relação existente entre interpolação e outros fenómenos relativos à colocação de clíticos que se manifestam nos mesmos dialectos que dela dispõem.

Em muitos dos dialectos observados, os contextos típicos de próclise legitimam um conjunto de construções que parecem estar estreitamente relacionados na competência dos informantes que as produzem.

Vejam-se, a título de exemplo, os dados de (106)-(110), que ilustram os diferentes tipos de orações relativas produzidas pelo informante de Serpa.

(106) Em dez, tira-lhe um, que *lhe chama* a poia. (Serpa, CORDIAL-SIN SRP27)

(107) Se não me engano parece ou é o guizo ou o chocalho que *lhe eles* dão. (Serpa, CORDIAL-SIN SRP26)

(108) O pão tem de ser posto com uma vasilha que *se lá se põe*. (Serpa, 1B03b07b, 11:40)

(109) É arrasado com um pau que *chama-se* uma rasoira. (Serpa, CORDIAL-SIN SRP17)

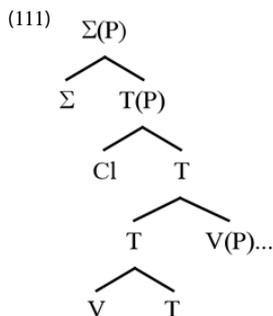
(110) Uma vasilha que *se chamava-se* uma deca. (Serpa, CORDIAL-SIN SRP17)

Para além da regular próclise com adjacência de (106), este informante produz nos mesmos contextos: interpolação (107), interpolação com duplicação de clítico (108), ênclise simples (109) e duplicação do clítico em posição pré e pós verbal (110). De acordo com a minha hipótese, todos estes fenómenos – coexistentes num mesmo dialecto e variantes livres no discurso de um mesmo indivíduo – serão diferentes manifestações de um mesmo mecanismo gramatical¹⁶.

Adoptando a análise de colocação de clíticos de Costa / Martins (2003, 2004), proponho que o objecto derivado na componente sintáctica corresponda àquele que represento em (111), no qual o clítico se encontra adjunto à projecção máxima de T (o clítico sobe invariavelmente para a projecção funcional mais alta atingida por movimento do verbo, que, na generalidade dos casos, equivale a T em português) (cf. Kayne 1991).

¹⁵ Considero que todos os indutores de próclise à excepção de *não* são elementos do domínio de CP e que Σ tem uma natureza dependente sempre que C é projectado. Isto explica a exclusão da interpolação de *não* das frases negativas não dependentes sem outros indutores de próclise.

¹⁶ Nos dialectos em estudo, os diferentes padrões de colocação do clítico correspondem a verdadeiras variantes livres; da alternância entre eles não decorrem alterações do sentido ou do valor discursivo da frase.



A linearização deste objecto em PF dará origem à sequência que represento em (112).

(112) [Σ * [Cl * [V * T]]]

Sugiro, então, que, em todos os contextos em que o requisito de visibilidade de Σ é satisfeito na sintaxe (todos os contextos típicos de próclise)¹⁷, o clítico é um alvo potencial de metátese tanto com um elemento adjacente à sua esquerda como com um elemento adjacente à sua direita. Ou seja, proponho que a gramática dos dialectos em questão integra não só uma regra de metátese/duplicação à esquerda como uma regra de tipo idêntico que opera em sentido contrário.

Assim, a próclise simples de (113) resultará da não actuação de nenhuma destas regras, a interpolação simples e com duplicação de (114) serão, como vimos, o resultado de metátese/duplicação à esquerda e a ênclise simples e a duplicação próclise/ênclise de (115) serão o resultado de metátese/duplicação à direita¹⁸.

(113) clítico-verbo

(114) a. clítico-interpolado-verbo

metátese à esquerda

b. clítico-interpolado-clítico-verbo

duplicação à esquerda

(115) a. verbo-clítico

metátese à direita

b. clítico-verbo-clítico

duplicação à direita

Finalmente, sugiro que o factor que promove as operações desta natureza é a presença de traços comuns em categorias contíguas e que, neste caso específico, será a constituição de traços do clítico, concretamente a sua associação ao traço [+dependente] (note-se que o clítico é ele próprio um dêictico) e a traços-V, que lhe confere a possibilidade de participar em operações de metátese/duplicação com elementos dêicticos que eventualmente o precedam e com o verbo que necessariamente se lhe segue.

¹⁷ Segundo Costa / Martins (2003, 2004), nos casos em que o requisito de visibilidade de Σ não é satisfeito na componente sintáctica, é satisfeito, como último recurso, em PF por fusão morfológica entre Σ e o complexo verbal. Esta operação de fusão exige a adjacência entre as duas categorias e, portanto, a deslocação do clítico para a direita do complexo verbal, derivando ênclise.

¹⁸ Em alguns dos dialectos sem interpolação (cf. secção 2.3.) registam-se igualmente dados de ênclise em contextos típicos de próclise. Considero que estes dados não são derivados por metátese. São factores que sustentam esta ideia as características diferenciadas destes dialectos relativamente aos dialectos com interpolação, nomeadamente: (i) a inexistência de dados de duplicação do clítico em posição pré e pós verbal, (ii) a elevadíssima percentagem de ênclise em domínios típicos de próclise (em alguns casos a taxa de produção de ênclise é de 100%, correspondendo, portanto, a algo distinto da ênclise opcional descrita para os outros dialectos) e (iii) a limitação da produção de ênclise a determinados domínios de próclise (por exemplo, falantes/dialectos que produzem ênclise apenas em orações relativas ou em orações negativas mas próclise regular nos restantes domínios).

7. CONCLUSÕES

A análise dos dados reunidos no CORDIAL-SIN permite considerar o fenómeno da interpolação dialectal sob uma perspectiva renovada. O estudo do tema mostra que a interpolação é hoje uma construção activa e produtiva em muitas das variedades dialectais do PE, o que se traduz na dispersão geográfica que o fenómeno apresenta, na elevada frequência com que se actualiza e na extensão e variedade do inventário de constituintes que afecta.

A ideia de que a interpolação dialectal contemporânea é a expressão residual da interpolação generalizada do português antigo, correspondendo a um traço arcaizante das variedades que actualmente a manifestam, não é sustentada pela evidência empírica proporcionada pelo CORDIAL-SIN. As especificidades da interpolação contemporânea e os inúmeros aspectos que a distinguem da interpolação do português antigo desaconselham o tratamento unificado das duas fases da construção, obstando a uma análise que as interprete como produto de um processo gramatical comum, cujo *modus operandi* se tenha alterado num determinado momento da história do português. A observação da história moderna da interpolação – através do exame de documentos, de tipologias diversas, produzidos no século XVII e seguintes – corrobora a hipótese de que a interpolação dialectal contemporânea é um fenómeno recente e inovador na história do português, sem origem directa na interpolação do português antigo.

A análise da interpolação dialectal contemporânea como o resultado de uma operação pós-sintáctica de metátese (nos termos em que esta é definida por Harris / Halle 2005) tem forte poder explicativo, revelando-se eficaz na justificação (i) do contraste que a interpolação dialectal estabelece quer com a interpolação do português *standard* contemporâneo, quer com a interpolação do português antigo e (ii) da afinidade existente entre a interpolação dialectal e outros fenómenos relativos à colocação dos clíticos manifestados nos mesmos dialectos (ênclise opcional produzida em contextos típicos de próclise e duplicação do clítico em posição pré e pós elemento interpolado e em posição pré e pós verbal).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, Rosario (1980): *O Pronome Pessoal en Galego*. Universidade de Santiago de Compostela. Dissertação de Doutoramento
- Álvarez, Rosario (1997): "O Complemento de Solidariedade: A Complicidade entre os Interlocutores", in *Actas do IV Congreso Internacional de Estudios Galegos*. Oxford: Oxford Centre for Galician Studies, 37-53.
- Álvarez, Rosario / Xosé Luís Regueira / Henrique Monteagudo (1986): *Gramática Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Álvarez, Rosario / Xosé Xove (2002): *Gramática da Lingua Galega*. Vigo: Galaxia.
- Barbosa, Pilar (1996): "Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects", en Aaron Halpern / Arnold Zwicky (eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, California: CSLI Publications, 1-40.
- Bühler, Karl (1934): *Sprachtheorie*. Jena: Fischer. (Tradução em castelhano: *Teoría del Lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial, 1979).
- Carballo Calero, Ricardo (1966): *Gramática Elemental del Gallego Común*. Vigo: Galaxia.
- Carrilho, Ernestina (2005): *Expletive Ele in European Portuguese Dialects*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.
- CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/proyecto_cordialsin.php).
- Costa, João / Ana Maria Martins (2003): «Clitic Placement across Grammar Components». Comu-

- nicação apresentada no *Going Romance*. Novembro 2003. Nijmegen University.
- Costa, João / Ana Maria Martins (2004): "What is a Strong Functional Head?". Comunicação apresentada no *Lisbon Workshop on Alternative Views on the Functional Domain*. Julho 2004. Universidade Nova de Lisboa.
- Duarte, Inês / Gabriela Matos (2000): "Romance Clitics and the Minimalist Program", in João Costa (ed.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.
- Eguren, Luis (1999): "Pronombres y Adverbios Demostrativos. Las Relaciones Deícticas", in Ignacio Bosque / Violeta Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. 1. Madrid: Espasa Calpe, 930-972.
- Fiéis, Alexandra (2001): "Interpolação no Português Medieval como Adjunção a XP", in *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 197-211.
- Fiéis, Alexandra (2003): *Ordem de Palavras, Transitividade e Inacusatividade. Reflexão Teórica e Análise do Português dos Séculos XIII a XVI*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Doutoramento
- Fonseca, Fernanda Irene (1996): "Deixis e Pragmática Linguística", in Isabel Hub Faria et al. (eds.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 437-445.
- Halle, Morris / Alec Marantz (1993): "Distributed Morphology and the Pieces of Inflection", in Kenneth Halle / Samuel Keyser (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 111-176.
- Halle, Morris / Alec Marantz (1994): "Some Key Features of Distributed Morphology", in *MIT-WPL 21: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge, Massachusetts: MIT, 275-288.
- Harris, James / Morris Halle (2005): "Unexpected Plural Inflections in Spanish: Reduplication and Metathesis", *Linguistic Inquiry* 36-2, 195-222.
- Kayne, Richard (1991): "Romance Clitics, Verb Movement, and PRO", *Linguistic Inquiry* 22-4, 647-686.
- Laka, Itziar (1990): *Negation in Syntax. On the Nature of Functional Categories and Projections*. MIT. PhD Dissertation.
- Levinson, Stephen (1983): *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lobo, Tânia (1992): *A Colocação dos Clíticos em Português. Duas Sincronias em Confronto*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- Lobo, Maria / Ernestina Carrilho (1999): "Variação Sintáctica no Português Europeu: Alguns Aspectos". Comunicação apresentada em *Conversas d'Hora d'Almoço*. Junho 1999. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Lopes, Célia (1999): *A Inserção de a Gente no Quadro Pronominal do Português: Percurso Histórico*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Doutoramento.
- Lopes, Óscar (1985): "Algumas Particularidades do Português, e especialmente do Português Europeu que Importam à Teoria da Semântica Linguística Universal", in *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 85-104.
- Lyons, John (1977): *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Magro, Catarina (2007): *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.
- Martins, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.
- Martins, Ana Maria (2002): "The Loss of IP-scrambling in Portuguese: Clause Structure, Word

- Order Variation and Change", in David Lightfoot (ed.), *Syntactic Effects of Morphological Change*. Oxford / New York: Oxford University Press, 232-248.
- Martins, Ana Maria (2003): "From Unity to Diversity in Romance Syntax: Portuguese and Spanish", in Kurt Braunmüller / Gisella Ferraresi (eds.), *Multilingualism in European Language History*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 201-233.
- Martins, Ana Maria (2005): "Clitic Placement, VP-ellipsis and Scrambling in Romance", in Montserrat Batllori et al. (eds.), *Grammaticalization and Parametric Change*. Oxford: Oxford University Press, 175-193.
- Menuzzi, Sérgio (1999): *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. HIL/Leiden University. Dissertação de Doutoramento.
- Menuzzi, Sérgio (2000): "First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: Chains and Constraint Interaction in Binding", in João Costa (ed.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 191-240.
- Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do (1989): "A gente, um pronome da 4ª pessoa", in *Actas do Congresso sobre a Investigação e o Ensino do Português*. Lisboa: ICALP, 480-490.
- Namiuti, Cristiane (2008): *Aspectos da História Gramatical do Português: Interpolação, Negação e Mudança*. Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Doutoramento.
- Ogando, Victoria (1980): "A Colocación do Pronome Átono en Relación co Verbo no Galego-Português Medieval", *Verba* 7, 251-282.
- Parcero, Lucia (1999): *Fronteamentos de Constituintes no Português dos Séculos XV, XVI e XVII*. Universidade Federal da Bahia, Dissertação de Mestrado.
- Pereira, Sandra (2003): *Gramática Comparada de a gente: Variação no Português Europeu*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- Vigário, Marina (2003): *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Guyter.